



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS  
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO  
DISCIPLINA: MONOGRAFIA  
PROFESSORA ORIENTADORA: CLÁUDIA BUSATO  
ÁREA: JORNALISMO TELEVISIVO

**O DISCURSO INFORMATIVO POR TRÁS DO ENTRETENIMENTO**  
**Estudo das características do *fait divers* do programa Fantástico**

Ana Clara de Castro Silva  
RA: 20512934

Brasília, junho de 2010

Ana Clara de Castro Silva

## **O DISCURSO INFORMATIVO POR TRÁS DO ENTRETENIMENTO**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. Dr. Cláudia Busato

Brasília, junho de 2010

Ana Clara de Castro Silva

**O discurso informativo por trás do entretenimento**

Trabalho apresentado à Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo no Centro Universitário de Brasília – UniCEUB.

Prof. Dr. Cláudia Busato

**Banca Examinadora**

---

Prof. Ms. Cláudia Busato

---

Prof. Ms. Karina Barbosa

---

Prof. Ms. Úrsula Betina Diesel

Brasília, junho de 2010

Dedico esta pesquisa aos meus pais e amigos, por todo amor e dedicação. A minha afilhada Ana Beatriz e ao meu primo João Miguel que façam de mim um exemplo de perseverança. Em especial a minha avó Lázara de Castro, por ter sido peça fundamental para a realização de mais esse sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus por ter me dado forças e iluminado meu caminho para que pudesse concluir mais uma etapa da minha vida;

Ao meu pai e minha mãe, por todo amor e dedicação que sempre tiveram comigo, meu eterno agradecimento pelos momentos em que estiveram ao meu lado, me apoiando e me fazendo acreditar que nada é impossível.

A minha avó Lázara, sem a qual nada disso teria acontecido e se concretizado, por estar sempre torcendo e rezando para que meus objetivos sejam alcançados, ao meu avô Jerônimo (*in memoriam*), por ter sido minha estrutura familiar por muitos anos, uma pessoa que mostrou que muitas vezes um gesto marca mais que muitas palavras, coração bondoso que dedicou toda sua vida a família, por todo o amor que ambos me dedicaram meu eterno amor e agradecimento;

Ao meu irmão pelo carinho e atenção que sempre teve comigo, sempre me apoiando em todos os momentos, por toda confiança em mim depositada meu imenso agradecimento;

Às amigas, Elaine, Marcela e Ana Cláudia pela verdadeira amizade. Em particular ao Marcus, que durante todo esse processo esteve ao meu lado incentivando e apoiando nos momentos mais difíceis. Sem vocês essa trajetória não seria tão prazerosa;

A minha orientadora, professora Cláudia Busato, pelo ensinamento e principalmente pela confiança depositada em meu potencial no auxílio à concretização dessa monografia;

A todos os professores do curso, pela paciência, dedicação e ensinamentos disponibilizados nas aulas, cada um de forma especial contribuiu para a conclusão desse trabalho e conseqüentemente para minha formação profissional;

Por fim, gostaria de agradecer aos meus amigos e familiares, pelo carinho e pela compreensão nos momentos em que a dedicação aos estudos foi exclusiva, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho fosse realizado meu eterno AGRADECIMENTO.

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo identificar e discutir a prática do *fait divers* no jornalismo televisivo. A pesquisa apresenta desde os antecedentes do jornalismo quando a mensagem era difundida através do 'boca a boca' e que a história ilustra como efeito de "fofoca". Parte-se do pressuposto de que o jornalismo é o ato de informar, sendo sua tarefa primeira revelar o que de fato é de interesse público. Para identificação do que é verdadeiramente de interesse público e de interesse do público observou-se, durante seis meses, o programa *Fantástico* da Rede Globo.

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução</b> .....	<b>8</b>
1.1 Justificativa.....	9
1.2 Contextualização.....	10
1.3 Objetivos .....	11
1.4 Metodologia.....	11
<b>2. Desenvolvimento</b> .....	<b>13</b>
2.1 As semelhanças e diferenças entre notícia e <i>fait divers</i> .....	13
2.2 Televisão: uma tela entre o privado e o público .....	20
2.3 O <i>fait divers</i> na televisão .....	22
2.4 Fofoca: a mais antiga forma de comunicação .....	26
<b>3. Análise de Dados</b> .....	<b>29</b>
3.1 Sobre o programa Fantástico .....	29
3.2 Descrição resumida de cada caso analisado .....	32
3.3 Análise das características do <i>fait divers</i> .....	34
<b>4. Considerações Finais</b> .....	<b>39</b>
<b>5. Referências Bibliográficas</b> .....	<b>40</b>
<b>6. Anexos</b>	

## **1. Introdução**

Falar sobre notícias de entretenimento pode se tornar assunto bem extenso se partirmos do pressuposto de que há muito mais coisas envolvidas que nossos olhos podem enxergar. Atualmente o jornalismo de entretenimento, vulgarmente conhecido como notícia de “fofoca”, não é considerado bom jornalismo. No entanto uma “fofoca”, ou uma pequena nota, pode revelar-se uma bela pauta para notícias que talvez não tivessem grandes repercussões no universo das notícias segmentadas do mundo jornalístico. Isso acontece porque existe um conceito pré - estabelecido de que o jornalismo tem como objetivo principal informar com veracidade e atender o verdadeiro interesse da população. E não o fato de tornar o que pode ser considerado como invasão de privacidade em interesse do público.

Com uma abordagem sobre este assunto, resgatando o princípio do jornalismo, quando, onde e como surgiu este estudo pretende mostrar que por de trás de uma mera banalidade podem-se descortinar assuntos “sérios” que devem ser discutidos de forma mais abrangente.

No decorrer do desenvolvimento desta monografia algumas perguntas serão respondidas e devidamente embasadas em pensamentos e hipóteses de grandes autores, que também já discutiram as chamadas notícias de interesse humano.

## **1.1 Justificativa**

Alguns programas de televisão, revistas de entretenimento, colunas sociais, ainda não possuem credibilidade junto aos profissionais da área de comunicação e por muitas pessoas consideradas “cultas” nesse ramo, por isso a pesquisa realizada ajudará a distinguir um jornalismo de entretenimento de um sensacionalismo barato, e quem sabe, respeitar os jornalistas que sabem aproveitar sua profissão fazendo um jornalismo verdadeiro mesmo que este seja considerado uma invasão de privacidade ou coisa do tipo.

Comparando fatos e analisando dados, essa pesquisa mostrará o quanto essas notícias consideradas banais e sem relevância podem ajudar o dia-a-dia das pessoas que as lêem e que conseguem extrair de sua essência coisas boas e úteis.

Hoje, com muito mais frequência, é fácil perceber como uma notícia pequena se torna um fato de grande repercussão e que gera discussão por dias e dias, isso mostra que a cada dia cresce o volume de fofocas que pautam notícia, e que se deve analisá-las com outros olhos, para que possam enxergar informações que interessem a todos.

## 1.2 Contextualização

O estudo é composto de uma discussão apoiada em material bibliográfico, cujo objetivo precípua é demonstrar que uma simples nota de fofoca pode pautar uma grande matéria jornalística. Essa pesquisa exploratória visa proporcionar maior familiaridade com o problema visando torná-lo explícito.

Usando a semiologia Barthesiana, seu olhar fenomenológico sobre a experiência e sua análise dos discursos do cotidiano, será possível mostrar como compreender o modo como tais coisas acontecem e o que elas significam no interior de nossas práticas sociais. A análise semiológica nos permite aprofundar os significados dos temas, por isso método foi escolhido, pela sua melhor aplicabilidade ao tema em discussão.

Barthes conseguiu montar um dispositivo teórico com cara própria, em suas principais obras o *Fait divers* foi assunto confirmado. No desenvolvimento de sua semiologia Barthes se ateve principalmente a desvendar os signos e seus significados. “Os signos só existem na medida em que são reconhecidos. O signo é um seguidor gregário; em cada signo dorme esse monstro: o estereótipo” (BARTHES, 1988, p. 15). Ao fundamentar-se nessa semiologia, Barthes abre caminhos para libertar a linguagem para o prazer do texto e renova, desse modo, a maneira de manter um discurso sem o impor; “pois o que pode ser opressivo em um ensino não é o saber ou a cultura que ele veicula, são as formas discursivas através das quais ele é proposto” (BARTHES, 1988, p.43).

O *fait divers* é uma expressão usada no jornalismo para categorizar assuntos jornalísticos que não possuem categoria definida, ou seja, assuntos que se referem a um fato inusitado, curioso. Para uma mesma constituição ideológica há diferentes formas enunciativas, isto é, o discurso pode ser o mesmo, porém, sua forma enunciativa é diferente. Barthes chega a comparar o *Fait divers* a um conto ou uma novela. (BARTHES, 1999, p. 59)

Ele não remete formalmente a nada além dele próprio; evidentemente, seu conteúdo não é estranho ao mundo: desastres, assassinios, raptos, agressões, acidentes, roubos, esquisitices, tudo isso remete ao homem, a sua historia, a sua alienação, a seus fantasmas, a seus sonhos, a seus medos; uma ideologia e uma psicanálise do *Fait divers* são possíveis; mas trata-se aí de um mundo cujo conhecimento é apenas intelectual, analítico, elaborado em segundo grau por aquele que fala do *Fait divers*,

não por aquele que o consome; no nível da leitura, tudo é dado no *Fait divers*; suas circunstâncias, suas causas, seu passado, seu desenlace; sem duração e sem contexto, ele constitui um ser imediato, total, que não remete, pelo menos formalmente, a nada de implícito; é nisso que ele se aparenta com a novela e o conto, e não mais com o romance. É sua imanência que define o *Fait divers*.

Com um olhar genérico, pode-se afirmar que o *Fait divers* é a informação sensacionalista. Envolve o receptor pela emoção, independente de seu estilo jornalístico.

### **1.3 Objetivos**

#### 1.3.1 Objetivo Geral:

Com essa pesquisa realizada pretendo mostrar que existem pautas na indústria do entretenimento que podem se tornar grandes notícias que atendam ao interesse de vários segmentos do jornalismo.

#### 1.3.2 Objetivos específicos:

- Explicar o que é o *Fait Divers*.
- Diferenciar fofoca de sensacionalismo.
- Mostrar que entretenimento pode pautar notícia.

### **1.4 Metodologia**

A análise será feita com base nas obras de autores que já discutiram sobre o determinado assunto. O principal autor será Roland Barthes pelo fato de ter desenvolvido vários estudos sobre o *fait divers*, o poder da opinião pública e a verdade. Outros autores também serão analisados, entre eles Maurice Mouillaud, Gabriel Cohn, Ângelo Gaiarsa, Daniel Piza, Luiz Gonzaga Motta, Edgar Morin e outros.

O estudo desses autores mostrará que desde o princípio do jornalismo o assunto já era discutido e responderá as questões de como se dá o efeito *fait divers*.

Por meio de uma análise das características do *fait divers* do programa Fantástico da Rede Globo foi analisado durante seis meses e dele foram extraídas unidades representativas que explicam a teoria a ser apresentada. Das matérias analisadas foram retiradas frase que corroboram as questões e conceitos apresentados e levantados pela teoria pesquisada.

## 2. Desenvolvimento

### 2.1 As semelhanças e diferenças entre notícia e *fait divers*.

O *fait divers*, palavra de origem francesa, é uma forma noticiosa muito usada no jornalismo, porém seu conceito não é muito conhecido fora do âmbito acadêmico.

Se formos traduzir os seus significados para um melhor entendimento da palavra encontraremos várias definições. Alguns autores dizem que é considerado informação geral, outros denominam “notícias de interesse humano”, e ainda pequenas notícias. Para Roland Barthes, um dos primeiros a estudar profundamente o efeito do *fait divers*, “numa só palavra, seria uma informação monstruosa, análoga a todos os fatos excepcionais ou insignificantes, em suma inomináveis...” (1999, p.58). As denominações são variadas, no entanto o que interessa é que seu significado é o mesmo. Trata-se de notícias de interesse público, notícias do cotidiano, com temas aparentemente sem relevância para a sociedade, retratando as problemáticas da vida comum. Geralmente são notícias estereotipadas, com personagens, heróis e vítimas, que constituem boas narrativas capazes de passarem de “boca em boca”.

Para Luiz Gonzaga Motta as narrativas são construções discursivas sobre a realidade humana (MOTTA *in* PORTO, 2005, p.15) :

São representações mentais linguisticamente organizadas a partir das experiências de vida. Sejam elas fictícias ou fáticas, são sempre construções de sentido sobre o mundo real ou imaginado[...] Se a narrativa relata uma história verdadeira acontecida no mundo real, uma reportagem sobre uma ocorrência em nossa cidade, a biografia de um político, a descrição de um episódio histórico, por exemplo, é igualmente uma construção discursiva sobre as coisas do mundo, uma versão entre tantas outras possíveis sobre os episódios ou as pessoas reais. As narrativas são sempre construções discursivas, sejam fáticas ou fictícias.

A questão principal é como identificar o *fait divers* dentro de uma notícia? Afinal de contas, o que é uma notícia? O que faz um acontecimento qualquer ganhar estatuto de ‘notícia’?

Uma frase muito conhecida, de Amus Cummings, ex- editor do *New York Sun* diz que: “se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas se um homem morde um cachorro é notícia.”

À parte essa frase caricatural como conceito primário de notícia, podemos concluir que uma anormalidade ou qualquer coisa que saia dos padrões esperados ou habituais, pode ser considerado notícia. No século XXI notícia é tudo aquilo que um editor, dado seu poder, e dentro dos limites impostos pela ética da profissão queira fomentar e publicar. É tudo que explora a relação entre o jornalismo e a realidade social. O mais intrigante é que notícias com esse teor são frequentes e por falta de conhecimento não sabemos identificá-las como *fait divers*. Mas por que alguns acontecimentos se tornam notícias e outros são ignorados? Um evento se torna noticiável apenas por ser escolhido aleatoriamente por algum jornalista? De acordo com Luiz Gonzaga Motta para um acontecimento ganhar o estatuto de notícia, ele teria de representar um rompimento com a ordem natural das coisas, um desvio do comportamento esperado. (in PORTO, 2002, p. 307). Os jornais populares são os que mais abordam esse tipo de notícia, mas não é muito difícil acharmos tais conteúdos também nos jornais tradicionais regidos pelas normas internas dos jornais e manuais de redação.

Todos os dias saem notícias que, à primeira vista, são sem importância. Geralmente elas acontecem quando se trata da vida de algumas celebridades. Edgar Morin traduz de forma clara e objetiva esse significado e os chama de “olimpianos”. Em sua concepção (1997, p. 105):

No encontro do ímpeto do imaginário para o real e do real para o imaginário, situam-se as vedetes da grande imprensa, os olímpianos modernos. Esses olímpianos não são apenas os astros de cinema, mas também os campeões, príncipes, reis, playboys, exploradores, artistas celebres(...)

Um exemplo recente foi o caso do filho da cantora Cláudia Leitte. Antes de qualquer checagem de fontes saiu uma nota em sites de “fofoca” anunciando que a cantora havia levado seu filho ao hospital, em seguida veio a notícia que seu filho Davi de apenas três meses havia contraído meningite. Essa pequena nota especulativa deflagrou uma seqüência de notícias que decorreram durante semanas até a melhora do menino. Durante dias muitas coisas foram faladas, mas tudo não passava de especulação, de jornais que queriam dar a notícia, mas não tinham informações consistentes, muitos não se deram ao trabalho nem mesmo de explicar como a doença

era contraída e quais suas consequências. O programa da Rede Globo Fantástico fez uma grande matéria sobre o tema usando esse fato que aconteceu com uma pessoa famosa para explicar a todos o que estava acontecendo e como tudo se dava. Assim é o *fait divers*, uma nota sem importância, que se torna de interesse público e que pauta uma grande notícia. Segundo Luiz Gonzaga Motta (In PORTO, 2002, p. 310)

Trata-se de notícias sobre acontecimentos que podem ter ou não atributos de noticiabilidade, mas que são selecionados não por estes aspectos e sim pelo interesse público que despertam, pela carga emocional ou de humor, ou ainda pelo aspecto hilariante. Estas histórias entretêm o leitor, narrando um enredo, uma estória humana ou humanizada.

O *fait divers* é caracterizado pelo espanto, pois como já citado, é algo que foge do normal. Motta afirma que para ser notícia, um fato deve ter atualidade, proximidade, proeminência (da pessoa envolvida), impacto e significância. Portanto, qualidades do próprio fato ou acontecimento (in PORTO, 2002, p.308). Essas narrativas requerem uma interpretação e até mesmo uma dramatização para prender o leitor, nelas são permitidas uma recriação do real, uma dramatização do assunto como artifício para chamar a atenção para aquilo que está acontecendo. A informação transforma esses 'olimpianos' em vedetes da atualidade. Ela eleva à dignidade de acontecimentos históricos acontecimentos destituídos de qualquer significação política (MORIN, 1997, p. 105).

Essas reportagens são escritas de fatos corriqueiros, banais. Fatos que a priori, não são notícias são transformados em notícias pela capacidade de invenção e a sensibilidade de apuração do jornalista que a escreve (MOTTA in PORTO, 2002, p. 315).

O valor destes fatos enquanto notícia não está na relevância social do acontecimento, mas no interesse que despertam enquanto casos contados, enquanto estórias. Como tal, sua publicação não depende de seus "valores notícia" intrínsecos, mas da capacidade inventiva do jornalista que as escreve. Não é fato que conta, mas sim o conto do fato.

Para Barthes, as relações do *fait divers* podem ser reduzidas a dois tipos. O primeiro é a relação da causalidade. Segundo ele essa é uma relação extremamente frequente: um acidente e sua causa, um crime por dinheiro, um drama familiar, etc.,

casos com grandes estereótipos. Casos que, se pararmos para analisar, são vistos diariamente, seja num grande jornal ou em um telejornal. Porém Barthes afirma: “em todos os casos em que a causalidade é de certa forma normal, a ênfase não é posta sobre a própria relação, ela se desloca para o que poderia chamar de *dramatis personae* (crianças, velho, mãe, etc.)” (BARTHES, 1999, p. 60).

No entanto, para ele o *fait divers* também é rico em desvios causais, às vezes se espera uma causa e outra aparece. Um exemplo citado por Barthes é: “uma empregada rapta o bebe dos patrões”: para obter um resgate? Não, “porque ela adorava a criança” (1999. p. 62). Nesse exemplo percebe-se que a causa revelada é mais pobre do que a causa esperada. E é nesse ponto em que há o desvio de causa, quando algo decepciona, quando o acontecido não era o que se esperava. O inusitado, o estranhamento ocasionado por esse “desvio causal” é que dá temperatura à notícia. Atualmente é cada dia mais fácil encontrar pessoas comuns que se tornam celebridades instantâneas do dia para noite. Um bandido, participantes de *realitys shows*, são provas de que esse evento acontece constantemente. A vida dos ‘olimpianos’ participa da vida quotidiana dos mortais, seu amores lendários participam dos destinos dos amores mortais; seus sentimentos são experimentados pela humanidade média (MORIN, 1997, p. 106). Quando os ‘olimpianos’ se aproximam do homem comum encontramos um caso típico de *fait divers*.

Nesse tipo de caso o *fait divers* se resume a uma frase: pequenas causas, grandes efeitos. Um assunto ‘sem’ relevância pode causar um grande impacto, dependendo da ênfase que se dá. Para Adriano Duarte “é acontecimento tudo aquilo que irrompe na superfície da história de entre uma multiplicidade aleatória de fatos virtuais.” (*apud* MOTTA in PORTO, 2002, p. 312)

O segundo tipo de relação na estrutura do *fait divers*, segundo Barthes, é o da coincidência. A repetição de um acontecimento, por mais insignificante que seja. Barthes diz que “a repetição leva sempre, com efeito, a imaginar uma causa desconhecida, tanto é verdadeiro que na consciência popular o aleatório é sempre distributivo, nunca repetitivo.” (1999, p. 64). Essa curiosidade que se desperta com a coincidência dos fatos, leva o leitor a imaginar vários significados para um mesmo acontecimento e isso faz com o leitor se interesse e fique preso ao acontecimento à

espera de uma resposta definitiva e que supere todas as suas expectativas. Levar o leitor a essa curiosidade é uma forma de sugerir interrogações, uma forma de colocar para pensar e até mesmo de dar sugestões e palpitar sobre aquele assunto.

Assim é o *fait divers*, constituído pelo gosto popular, pela cultura de massa, a opinião pública, o “boca a boca”. Só se caracteriza um *fait divers* se houver todo esse interesse de especulação por parte dos leitores. Se analisarmos profundamente, veremos que a causalidade e a coincidência andam unidas e são contidas uma a outra. Barthes disse: “poder-se-ia dizer que a causalidade do *fait divers* é constantemente submetida à tentação da coincidência, e que, inversamente, a coincidência é constantemente fascinada pela ordem da causalidade.” (1999, p.66)

Juntando-se esses dois acontecimentos é que se concretiza o *fait divers*, esse que pode ser considerado uma arte de massa, e que, ao que tudo indica, tem o papel de obnubilar as fronteiras do fato revelando a imprecisão do coerente e do incoerente, do acessível e do inacessível. E frequentemente norteia os sentidos e os significados dos que o apreciam.

O título de um artigo de Robert Darnton- *Jornalismo: Toda notícia que couber, o leitor apreciar e o anunciante aprovar, a gente publica*, faz-nos pensar no trajeto que uma notícia percorrerá até ocupar uma página. Publicar uma notícia não é simplesmente achar um fato interessante e querer veiculá-lo, é sim uma questão de definir noticiabilidade onde muitos fatores estão englobados e concorrem para celebrar a notícia. Deve “caber” no jornal, cativar aos leitores e não confrontar com os que mantêm economicamente o veículo. A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os ‘olimpianos’ de um papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas substância humana que permite a identificação (MORIN, 1997, p. 106 e 107). José Miguel Wisnik usa seu romance “*Ilusões Perdidas*” para tratar dessa tendência mercadológica que determina o que deve ou não entrar em um jornal. Ele afirma: (BERGER, *apud* in PORTO, 2002, P. 274)

O que atualiza ainda o romance é o fato de que seus jornalistas manifestam uma escancarada consciência, cínica, de todos esses processos de uso e abuso de poder, como se lesse nas vísceras da incipiente e florescente imprensa de então os futuros poderes ilimitados dessa que, aliada à publicidade, fará e desfará monarquias com a mesma facilidade com que se desfaz contextos. Mais do que

personagens típicos de algum romance de costume e exatamente porque mais reais do que mais real, soam às vezes como momentos, de um processo que mal começava e no qual convergem arte, simulacro, poder e dinheiro.

Em tempos em que a televisão é veículo predominante sobre os demais veículos e a imagem sobre o texto faz com o jornalismo escrito se torne mais visual de forma a seduzir os leitores. Para Christa Berger este é um caso em que a realidade produzida pela mídia mantém parentesco com a estrutura do gênero ficcional. (in PORTO, 2002 p. 279). Tendo como referência a estrutura ficcional pode-se tirar duas conclusões com relação a recepção e percepção da realidade pelo leitor (BERGER, in PORTO, 2002, P. 280):

Ou a leitura do jornal corrobora a informação como ficção, para liberar a angústia de tudo saber e nada poder fazer pois, que consciência suporta confrontar-se conscienciosamente, todos os dias, com as agruras da vida que é dos outros mas que, assim mesmo, lhe diz respeito? Ou confirma que o que está escrito é verdadeiro, aceitando o jogo da imprensa de afirmar-se pela literalidade fiel à representação.

E continua citando Nelson Traquina (1993, p.167)...

Hoje a estranheza gira em torno da espetacularização, da banalização, da saturação e da constatação de que informação não só traduz o mundo, faz circular os acontecimentos, mas publiciza o real desejado. Assim não só o acontecimento cria a notícia, como se estruturou o pensamento sobre a imprensa, como a notícia cria o acontecimento.

Lembrando o caso citado da cantora Cláudia Leitte e de muitos outros de mesmo nível podemos confirmar o poder de sedução e de produção de sentidos que a mídia contemporânea possui. O poder de projetar e legitimar um fato dando maior visibilidade a ele. Instaura uma lógica própria, no interior da qual se aloja o *fait divers* conseguindo, assim, cativar e prender o leitor a um fato que *a priori* se mostrava sem valor de notícia e fazendo uma notícia de interesse do público se tornar uma notícia de interesse público. Conjugando a vida quotidiana e a vida olimpiana, os olímpianos se tornam modelos de cultura no sentido etnográfico de termo, isto é, modelos de vida (MORIN, 1997, p. 107).

Muitos comparam as notícias de interesse humano- *fait divers*- ao melodrama. Este termo surgiu em meados do século XIX num contexto político e social da

Revolução Francesa. Para Cristina Ponte o melodrama é uma espécie de “lei moral”, idêntica para todos, e os seus temas privilegiados podem ser considerados como representações dos conflitos sociais. (2005, p. 63).

O melodrama, escreve Jostein Gripsrud, apresenta às audiências um “sistema de sentido” que insiste que a política ou a História só interessam na medida em que afetam suas vidas quotidianas e as suas condições, sentimentos, medos, ansiedades, prazeres. Nos media contemporâneos encontramos bem vincada esta estética assim descrita por Gripsrud (*apud* PONTE, 2005, p.64)

A estética do melodrama apresenta o mundo como se este fosse governado por valores e forças morais e emocionais. Pessoas e eventos tendem a ser apresentados como representações ou exemplos de um universo mítico, indiscutível e eterno. Se o mundo parece incompreensivelmente caótico, é-o só na superfície. Por baixo, é sempre a mesma história.

Quando Gripsrud cita que a história é sempre a mesma, ele se refere ao fato de que sempre existem as vítimas e os heróis independente da forma como são tratados. A diferença que pode existir é na forma como os personagens se apresentam. Cristina Ponte afirma que algumas das vítimas apresentam particularidades, condições para se tornarem líderes simbólicos, pela sua pequenez, fragilidade, incapacidade de lutar e necessidade de receberem ajuda de outros. (2005, p. 64).

A base do *fait divers* geralmente está em um evento próximo dos contextos de vida do leitor. Embora a distância geográfica possa ser compensada pela proximidade afetiva. Um caso recente que nos remete a isso e que será estudado neste projeto é o caso da apresentadora da emissora SBT Hebe Camargo, em quem foi diagnosticada com um câncer raríssimo no peritônio, área localizada no abdôme. Seu caso é um fato que pode acontecer com qualquer pessoa, mas como foi com uma “celebridade” sua proporção se estendeu e isso fez com que sua história se aproximasse mais da história de pessoas anônimas.

Jules Gritti associa a relação entre *fait divers* e rumores mediáticos (demissões, escândalos...), tantas vezes designados como manifestações daqueles, ambos partilhando a predominância da negatividade. (*apud* PONTE, 2005, p. 70). Gritti também escreveu a propósito do *fait divers* de Barthes (1992, p.36):

Roland Barthes recusava fazer uma filosofia de *fait divers*. Queria apenas descrever a trama e a sua imagem na opinião pública. Ao fazê-lo, encontrava instintivamente as interrogações e as procuras de resposta sobre o azar, retomadas continuamente nos clássicos da filosofia. O azar, o cruzamento de duas séries causais, a intersecção de trajetórias. (...) O grande interesse pelo *fait divers* está próximo da tradição astrológica e das paixões pelos horóscopos. Uma ansiedade surda trabalha frequentemente a excitação por estas práticas. Interrogar as coincidências, o insólito, o precipício, é tentar prescudar e esconjurar o destino. O *fait divers* reenvia assim para uma maná ou para uma vaga sacralidade.

Contar uma história é escolher as palavras de modo a que as pessoas visualizem as personagens e as ações, é decidir quando e como retardar ou acelerar a narração. Ou seja, mesmo nas notícias sérias, estamos perante escolhas narrativas, finaliza Cristina Ponte sobre o *fait divers*. (2005, p. 78)

## **2.2 Televisão: uma tela entre o privado e o público**

O surgimento da comunicação de massa, com a circulação dos jornais no século XIX e, principalmente, a propagação do rádio e da televisão no século XX, alterou não só as matrizes culturais, como também o modo de interação das sociedades modernas.

Os meios de comunicação de massa têm como principal objetivo instaurar uma mediação com a sociedade. A televisão é a ambiência promotora, capaz de possibilitar o contato dos telespectadores com discussões de assuntos variados do debate público. Porém, como já mencionado, a televisão se preocupa mais com o lucro do que com a formação cultural e social do cidadão. A televisão privada se transformou em uma indústria do espetáculo e do consumo dos produtos de massa. A única preocupação da televisão privada é a audiência. Essa é a grande questão defendida por Wolton (1996)

A TV tem um importante papel na questão da transformação do caráter das pessoas. Através dela as pessoas se mostram, outras registram do interior do que assistem, rostos, vozes, temperamentos, personalidades, fazendo com que simpatizem ou não com elas.

Um fenômeno que vem crescendo nos últimos tempos é a forma como as questões consideradas de âmbito privado vêm ganhando visibilidade pública,

interferindo inclusive na formação de opiniões. Não podemos, portanto, desconsiderar a rotina de produção da TV de maneira geral e de alguns programas em particular na forma social.

Os programas de TV que têm como pauta as questões ditas privadas, como a vida, costumes, comportamentos de celebridades e intimidades, interferem no conceito das questões de interesse público. Para eles o que é privado passa a ser público transformando-se em questões de interesse público. Os programas de fofoca, por exemplo, têm audiência porque as pessoas estão dispostas a vê-los. Se isso não acontecesse as emissoras de TV não os produziriam. Estes programas só existem por que o conceito de público e privado mudou ao longo do século. Hoje, muitas pessoas estão dispostas a expor sua vida, num espaço denominado público.

O fato é que a televisão usa de seu poder de formadora de opinião e faz de tudo um grande negócio, esquecendo que é uma ferramenta fundamental para o debate de valores e definição de condutas. A televisão que tinha, primeiramente, a função de formar um senso crítico, desviou-se para um caminho totalmente diferente.

A TV mexe diretamente com o imaginário social e no imaginário estão todas as necessidades, desejos, medos e ambições das pessoas. Nessa instância funciona uma certa identificação com o público que automaticamente vivencia experiências que na realidade não faz. Essa identificação transforma-se num desejo de imitação, ou seja, o imaginário dita modelos de comportamento, de vestimentas, de beleza até a de condutas essenciais, como busca do amor e da felicidade.

É preciso haver condições de verossimilhança e de veracidade que assegurem a comunicação com a realidade vivida, que as personagens participem por algum lado da humanidade quotidiana, mas é preciso também que o imaginário se eleve alguns degraus acima da vida quotidiana, que as personagens viviam com mais intensidade, mais amor, mais riqueza afetiva do que o comum dos mortais. (MORIN, 2000, p. 82)

Isto mostra que numa sociedade de consumo a opção ideológica é “imposta” por meio de um cuidadoso controle das possíveis emoções do público - através das propagandas, das transmissões de TV, das campanhas de persuasão que atuam sobre todos os aspectos do dia a dia.

De acordo com Guy Debord (1997), a vida social gira em torno da superficialidade das imagens, onde se concentram os desejos, sonhos e produtos a serem consumidos pela sociedade do espetáculo. A verdade dessa sociedade nada mais é que a negação dela mesma. E ainda existe uma imensa grandeza técnica de propagação das imagens- chamada televisão- que atrai a sociedade moderna pela ilusão do sensacional.

Apesar das demandas em torno do papel que a televisão tem sobre a socialização da sociedade, o fato é que ela sozinha não é capaz de desempenhar esse papel. Sua existência às vezes é nefasta. O fato de ser um meio de entretenimento de milhares de pessoas faz com que a televisão crie necessidades que vão além das regras de mercado; ela é uma janela aberta para o mundo. Além de pretender ser um espelho da sociedade, obriga a quem assiste a se preocupar com ocorrências e acontecimentos que vão além de suas existências concretas.

Existe uma sensação de que a televisão sempre existiu e que é parte essencial das histórias pessoais de cada indivíduo; isso explica a extrema popularidade dos artistas e celebridades da TV que passam a fazer parte da vida dos telespectadores e que envelhecem com eles.

O meio televisivo dá chance de pessoas públicas e famosas aparecerem perante grandes audiências e mostrarem sua auto-apresentação. Esse meio também oferece riscos, pois essas pessoas públicas e/ou famosas podem se expor além do que deveriam, ou deixar que os outros as exponham (THOMPSON, 1995). Entretanto, o fato de um acontecimento ser comentado faz com que os telespectadores emitam opiniões sobre a televisão. Dessa forma a televisão se concretiza como uma ferramenta democrática, já que é um objeto de discussão, de debates, instaurando-se no espaço público da sociedade moderna, mas que precisa de dispositivos críticos que balizem suas produções.

### **2.3 O *fait divers* na televisão**

É claro e notório que a notícia vista na televisão tem um impacto diferente diante do público. Seu formato veloz e pontuado por imagens encanta e tem o poder de prender a atenção do telespectador em relação aos assuntos em pauta. Além do

formato e suas características, muitas emissoras e jornalistas oferecem uma diversidade de informações com tom sensacionalista. O sensacionalismo foi predominante em publicações na Europa no século XIX. O autor Matthew Engel analisou tais publicações e encontrou as seguintes características: (*apud* TRAQUINA, 2005. p. 54)

Assuntos carnais e pecados secretos eram o tema dos jornais populares de domingo. E uma quadra britânica do século XIX sobre o jornalismo reza assim: Faz cócegas ao público, fá-lo sorrir; quanto mais cócegas, mais ganhas; ensina o público, nunca será rico; vives como um mendigo, e morres na valeta.

Não é novidade para ninguém que a televisão tornou-se uma fábrica de criar celebridades, sejam elas instantâneas ou não. Essas pessoas denominadas de “olimpianos” por Edgar Morin, ao se exporem, de certa forma fazem com que indivíduos anônimos se espelhem em suas vidas despertando uma imensa especulação alheia. Partindo deste princípio é possível identificar o critério de escolha de um jornalista para a veiculação de uma matéria de interesse público ou de interesse do público. Para Jorge Pedro Sousa, a própria noção de interesse público é fluida e flexível. (2004, p. 75)

Um dos melhores exemplos talvez seja a justificação de uma televisão portuguesa (TVI) para colocar informações sobre o show do Big Brother no telejornal: trata-se de um programa com muita audiência e, portanto, a informação sobre o que aconteceria nesse programa seria de interesse público.

Em se tratando de matéria de interesse público, vemos poucas diferenças com o *fait divers*. O interesse seria o mesmo se a notícia fosse o nascimento de um golfinho em um oceanário ou as notícias sobre o Big Brother. (SOUSA, 2004, p. 75). Cabe ao jornalista discernir que notícia veicular a partir dos critérios de noticiabilidade que definem o que é normal na sociedade, sobre o que dará mais audiência, etc. Conforme Glitin que “ao dar destaque ao desvio, ao bizarro e ao pouco comum, os jornalistas apóiam implicitamente as normas e valores da sociedade” (*apud* TRAQUINA, 2005, p. 198).

A questão da noticiabilidade muda de acordo com o veículo de comunicação. O que é notícia em um jornal impresso pode não ser notícia em um telejornal. Ainda assim, o enquadramento das notícias é influenciado pelas pressuposições tradicionais do jornalismo. No jornalismo televisivo encontramos pequenas diferenças, porém muito claras em relação ao veículo impresso. Glitin cita essas diferenças: (*apud* TRAQUINA, 2005, p. 198)

As notícias envolvem acontecimentos e não as condições que produzem acontecimentos; As notícias privilegiam as pessoas e não o grupo; As notícias destacam o conflito e não o consenso; As notícias privilegiam o fato que 'alimenta' a 'estória' e não o fato que a explica.

Segundo Nelson Traquina as notícias são construções narrativas, estórias. (2005, p.203). Na televisão não é diferente, as melhores estórias são contadas a partir do que interessa mais ao público e o que dará mais audiência e ibope. Alguns telejornais utilizam de notas especulativas para se pautarem. Um exemplo é o caso da apresentadora Hebe Camargo. Recentemente diagnosticada com câncer várias especulações foram feitas sobre suas idas a hospitais e sobre seu estado de saúde. O programa Fantástico da rede Globo usou desse acontecimento e pôs um fim nas especulações fazendo um grande entrevista com a apresentadora esclarecendo seu estado físico e efetivamente do que se tratava a doença. Escreve Traquina: As notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento. (2005, p. 203)

Na televisão o *fait divers* acontece diariamente. Afinal, a TV tem um grande artifício, o da imagem como linguagem, o que faz com que tenha mais seguidores do que qualquer outro meio de comunicação. Essa ação "hipnotizadora" poder fazer com que alguém que esteja interessado em apenas assistir um determinado programa, passe o dia na frente do televisor tomado pelas imagens e pela grande opção de gêneros de programas existentes.

Esse extenso leque de programas dificulta ao telespectador identificar o limite entre o que é ficção e o que é realidade.

A inocência de um desenho animado pode ser interrompida subitamente por um segmento de discurso sobre as propriedades de um biscoito, ao

qual se segue um trecho de *trailer* de um filme da sessão da noite mostrando cenas de sexo e violência, uma chamada para o telejornal anunciando outras cenas de violência real mas sem que nada as diferencie da violência fictícia mostrada há pouco, volta-se a uma propaganda de *lingerie*, a uma apresentadora de minissaia e finalmente ao desenho animado interrompido. (KEHL *apud* REZENDE, 2000, p. 32)

Esse ‘pseudo poder’ de prender pessoas na frente da TV se dá porque uma de suas funções é noticiar o que é de interesse do público, tornando qualquer assunto mais interessante e mais motivador para seus telespectadores. Segundo Juremir<sup>1</sup> Machado da Silva a lógica do *fait divers* implica em ‘diabolizar’ o adversário, relativizar as demandas dos aliados e faturar com tudo o que não produza fricção (2000, p. 38). Esta é a lógica do *fait divers* televisivo, usar o que não tem tanta relevância para impressionar e motivar seu público alvo.

A maioria das notícias veiculadas na TV, que fazem parte deste efeito *fait divers*, apresenta o mínimo de informação necessária. O processo de escolha gira em torno do que o público deseja ver, do que vende, e cada vez mais se afasta de preocupações formadoras de opinião. A escolha é meramente comercial e performática: funciona, vende, atinge um público e mantém a engrenagem em ação. Segundo Silva trata-se do efeito operacional (2000, p. 39 e 40).

A mídia divide-se entre o reino do *fait divers* (pátria total do mercado) e o universo da utopia requentada (expressão da vontade última da legitimação explorada pela segmentação do mercado da informação). Em síntese a lógica do *fait divers* (massa) gera, paradoxalmente, um espaço de (re) legitimação moderna (distinção e utopia). Ambos controlados pela eficiência mercadológica.

A espetacularização, como o *fait divers*, é um dos meios usados pelas emissoras para conquistar maiores níveis de audiência e de faturamento. As emissoras estão cada dia mais preocupadas com o que é comercial e para isso adotam uma programação diversificada, o que traz a mistura de dois elementos, a realidade e a ficção.

Nos últimos anos essa tendência de espetáculo no meio televisivo ganhou mais força. As emissoras transmitem suas programações 24hs por dia. Cumpre-se o velho ditado: para o povo pão e circo. O espetáculo não pode parar. Na televisão a lógica do espetáculo se desenrola continuamente, hora após hora, dia após dia. Sempre

---

<sup>1</sup> O autor tem uma visão apocalíptica sobre ao assunto. Opinião a qual sou totalmente contrária

(REZENDE, 2000, p. 36). Ao fazer esse ato mais sensorial do que racional, a TV faz uma ligação entre ela e o telespectador intermediada e alimentada pelo espetáculo.

O jornalismo na televisão tem o privilégio de poder passar a informação no ato em que ela acontece. Esse imediatismo traz um grande benefício aos telespectadores, pois elimina-se o intervalo que separa o acontecimento de sua divulgação pela mídia.

A transmissão das notícias é um processo que deve ser destacado, pois sua aparelhagem, mesmos que sendo mínima atualmente, gera um tumulto, uma aglomeração de curiosos, de pessoas que querem aparecer. Algumas pessoas vêm a televisão como um meio de se tornarem 'estrelas'. A presença de jornalistas, principalmente em locais públicos, desencadeia comportamentos inesperados por parte das pessoas focalizadas. Tudo para não perder a oportunidade de aparecer no horário nobre.

A câmera é uma transformadora da realidade, na medida em que desperta um fascínio muito grande. É muito comum, por exemplo, o repórter chegar em um ambiente onde as pessoas estão envolvidas em uma tragédia e ainda assim ter que desviar dos que querem sorrir, abanar para a câmera, mandar um recadinho engraçado para a família. Nas manifestações de protesto, nos campos de futebol, nos locais de grande aglomeração também é frequente constatar que, ao ligar a câmera, tudo se transforma. Em geral, mesmo que estava no maior desânimo, passa a gritar, vibrar como nunca. (BARCELOS *apud* REZENDE, 2000, p.72)

## **2.4 Fofoca: a mais antiga forma de comunicação**

O ato de 'fofocar' é um dos principais fenômenos humanos. Geralmente os assuntos abordados na fofoca são assuntos de caráter privado. Assuntos esses que antigamente eram tratados e discutidos no ambiente familiar ou com amigos íntimos. E que depois, por vários motivos, entre eles o surgimento da imprensa, ganharam caráter público.

Para o senso comum a fofoca é a informação ou comentário de uma pessoa que não está presente no momento. Essa informação ou a notícia ao ser passada de pessoa a pessoa sofre alterações, efeito "telefone sem fio". Essa alteração modifica a notícia, e isso tudo depende do modo com foi interpretado pelo interlocutor da

mensagem, de quem recebe a informação e de quem está envolvido nela. A interpretação vai além da transmissão da informação distorcida e/ ou modificada na forma verbal.

As sociedades, por grande influência da televisão, criam tipos de personagens, estereótipos que muitos procuram imitar ou que usam como exemplo de como não se deve ser. Tanto no trabalho, na família, ou no grupo de amigos existem os tipos ideais-vilões e mocinhos.

Os desejos dos indivíduos se relacionam com a fofoca na medida em que, se fosse possível fazer tudo que se deseja ou imagina, na certa não haveria fofoca, boato, julgamento e condenação por terceiros ou pela autocensura- também chamada pela psicanálise de superego. (GAIARSA, 1978)

Os valores impostos pela sociedade e a autocensura são os causadores do medo que uma pessoa tem de ser vítima da fofoca feita pelos outros, é o medo que ela mesma sente dos seus desejos mais profundos. Esses desejos podem influenciar em uma mudança de comportamento, quebra da rotina, isto porque existe uma sociedade sem regras e sem proibições. “A quantidade de fofoca que existe no mundo e em cada pessoa é exatamente igual à quantidade de desejos humanos não realizados - a frustração cósmica - e à de cada um.” (GAIARSA, 1978, p. 58)

Se for para desenhar uma linha cronológica sobre a história da fofoca, Gaiarsa considera que o aparecimento do jornal impresso foi um marco para sua proliferação, pois ao se fazer públicas, por meio da reprodução gráfica, a fofoca deixa de ser fofoca e passa a ser Opinião Pública. Os jornais e as revistas despessoalizaram a fofoca, pois reproduziram no papel os desejos e temores das pessoas que antes era feito boca a boca.

Os jornais e as revistas fotografaram e coloriram as fofocas públicas. Depois veio o cinema que deu vida aos sonhos das pessoas. Surgiu a televisão que, através de sua programação, como novelas, foi o meio de comunicação que mais deu vida à fofoca, tornando-a coletiva e fazendo dela uma poderosa máquina de controle e modelo de comportamento de todos os tempos. Independente do meio de comunicação o artista se torna um mito e faz da sua vida particular algo de interesse de toda sociedade.

Ao se tornar um assunto de todos, a fofoca deixou de falar somente sobre os acontecimentos da família e das pessoas mais próximas, e passou a falar da vida dos artistas, dos personagens, dos políticos. Esse questionamento é feito através dos meios de comunicação; principalmente a televisão que, além de vender a fofoca, vende a imagem da pessoa a quem se refere.

Não se sabe como se deu o surgimento da fofoca, possivelmente deve ter sido com a invenção da fala e pode ser analisado um antigo meio de comunicação. Gaiarsa (1978) compara os artistas de música e da TV de hoje, aos Deuses da Grécia. Os gregos viviam exclusivamente da fofoca que se faziam em torno dos deuses.

A relação entre as pessoas públicas da comunicação e do povo são idênticas às que existiam entre os deuses gregos e a sociedade grega. É fato que muitos de nós gostaríamos de viver como os Deuses da Grécia ou como as celebridades de hoje. A análise coincide com a de Edgar Morin (2000) que, como já citado, chama as celebridades de olímpianos. Seja ela do cinema, da TV, da música ou do esporte. Ao se identificar com a vida e com a conduta desses olímpianos, a sociedade discute sobre a vida das celebridades como se elas fossem seus amigos íntimos e dão mais cor ao mundo ordinário com seus limites e obrigações.

Quando a população passa a discutir o noticiário, os programas de TV, de rádio, revistas, e internet, a fofoca passa a ser coletiva, deixando de ser um julgamento de valores, e o assunto nela tratado passa a ser mais admirado do que desprezado. A fofoca não tem uma importância em si mesma; mas sim pelo fato de ser um fator de mediação social já que o ouvinte ou espectador pode significar a própria experiência a partir desses conteúdos.

### 3. Análise de Dados

A fim de responder às questões propostas nesta monografia, este capítulo apresenta uma análise da incidência e repercussão de casos de *fait divers* no programa de televisão dominical *Fantástico*. Do programa *Fantástico* foram selecionadas para análise quatro matérias: 13/09/2009, 27/09/2009, 24/01/2010, 31/01/2010. Os critérios de análise que sustentaram a avaliação dos programas foram basicamente a linguagem, narrativa, abordagem e interatividade.

Cada matéria apresenta a exposição de casos, em geral dramas pessoais, de pessoas públicas. Para maior sustentação à análise, primeiramente serão expostas as características do programa *Fantástico*, em seguida serão especificados elementos particulares de cada caso.

#### 3.1 Sobre o programa *Fantástico*<sup>2</sup>

**Período de exibição:** 05/08/1973 – NO AR

**Horário:** 20h

**Periodicidade:** aos domingos

- Em 1973, estreava na TV Globo um programa completamente diferente de tudo o que existia na televisão brasileira na época: uma revista eletrônica de variedades, com duas horas de duração, que reunia jornalismo e entretenimento para levar até o telespectador o que de mais espetacular estivesse acontecendo no Brasil e no mundo. O programa tinha um nome à altura de suas pretensões: *Fantástico, o Show da Vida*. - Ao longo dos anos, graças às contribuições de centenas de profissionais de diversas áreas, esse conceito original se desenvolveu notavelmente. O *Fantástico* se tornou um painel dinâmico e multifacetado de quase tudo o que é produzido numa emissora de televisão – jornalismo, prestação de serviços, humor, dramaturgia, documentários exclusivos, música, reportagens investigativas, denúncia, ciência –, além de um espaço para a experimentação de novas idéias e formatos. O *Fantástico* foi criado pelo então diretor de Operações da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, para substituir o programa jornalístico *Só o Amor Constrói* (1973). Boni queria uma revista visualmente sofisticada que trabalhasse com a

---

<sup>2</sup> <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-247251,00.html> Dia 25/05/2010

realidade e a ficção, representadas pelo jornalismo, pela dramaturgia e pela linha de shows. Um projeto especial, que contou com o envolvimento de toda a TV Globo. Participavam das reuniões de criação, além de Boni, Mauro Borja Lopes, o Borjalo (diretor da Central Globo de Produção); Armando Nogueira e Alice-Maria (responsáveis pela direção da Central Globo de Jornalismo); Paulo Gil Soares (diretor da Divisão de Reportagens Especiais); José Itamar de Freitas, Luiz Lobo e Luís Edgar de Andrade (jornalistas), Manoel Carlos, Augusto César Vannucci, João Lorêdo, Nilton Travesso, Maurício Sherman (diretores de TV); Walter George Durst (autor de novela); Luís Carlos Miéle e Ronaldo Boscôli (produtores musicais da emissora).

- Foi durante um desses encontros que Ronaldo Bôscoli – pensando na diversidade de assuntos que fariam parte da nova atração – sugeriu o nome *Fantástico*. Boni preferia *O Show da Vida*. Depois de uma breve discussão, decidiu-se juntar as duas idéias, e o programa foi batizado. De acordo com Boni, o *Fantástico* foi o primeiro magazine na TV, e, mais tarde, serviu de espelho para programas similares em países como Espanha e Itália. A emissora italiana *RAI*, inclusive, chegou a colocar no ar, em 1979, um programa com o mesmo tipo e formato, logo denunciado pela revista *Eva Express* como plágio da atração da TV Globo.

### **A primeira edição**

- *Fantástico*, o *Show da Vida* foi ao ar pela primeira vez no dia 5 de agosto de 1973, com apresentação de Sérgio Chapelin e direção de João Loredo. A equipe do programa era formada pelos jornalistas André Motta Lima, Carlos Mendes, por Maria Raja Gabaglia, Ronaldo Bôscoli, Lafaiete Galvão, Chico Anysio, Arnaud Rodrigues e Haroldo Barbosa (redatores); Alice-Maria, José Itamar de Freitas, Jotair Assad, Paulo Gil Soares e Luiz Lobo (chefes de jornalismo); Miéle, Maurício Sherman e Walter Avancini (diretores da linha de shows e dramaturgia); Wilma Fraga, Ronaldo Curi, Ivan Rocha e Ito Medeiros (coordenação); Jerson Alvim (coordenador geral) e Augusto César Vannucci (supervisão geral).

- Na abertura, dirigida por Augusto César Vannucci, duas crianças corriam para o centro de um cenário totalmente branco e descobriam véus que ocultavam dançarinos

vestidos com fantasias parecidas com as usadas no carnaval de Veneza. Os trajes foram criados pelo figurinista Sørensen e, segundo João Lorêdo – um dos diretores do programa –, foram inspirados em um espetáculo chamado *Pippin*, um musical estrelado pela atriz Marília Pêra, na época em cartaz no Teatro Manchete. Boni havia assistido à peça, se encantado com os figurinos e decidido que algo semelhante seria perfeito para a abertura do *Fantástico*.

- Os bailarinos, coreografados por Juan Carlos Berardi, dançavam ao som de um tema composto e arranjado pelo diretor musical Guto Graça Mello. A letra foi escrita pelo próprio Boni e podia ser interpretada como uma espécie de carta de intenções do novo programa: "*Olhe bem, preste atenção:/ nada na mão resta também./ Nós temos mágicas para fazer,/ assim é a vida, olhe para ver./ Milhares de sonhos para sonhar,/ miragens que não se podem contar./ Numa fração de um segundo/ qualquer emoção agita o mundo./ Riso! Criado por quem é mestre./ Sexo! Sem ele o mundo não cresce./ Guerra! Para matar e morrer./ Amor! Que ensina a viver./ Um foguete no espaço, num mundo infinito,/ provando que tudo não passa de um mito./ É Fantástico!/ Da idade da pedra ao homem de plástico,/ o show da vida!/ É Fantástico!*".

- Nessa primeira edição do *Fantástico*, os telespectadores se depararam com um cardápio de assuntos variados. A atriz Sandra Bréa cantou e dançou em um número musical em homenagem à Marilyn Monroe, 11 anos depois da morte da estrela de Hollywood – durante alguns anos, Sandra Bréa se consagrou como a apresentadora dos números de show no *Fantástico*. Uma matéria exclusiva registrou o momento em que Tostão, craque da seleção brasileira de futebol tricampeã em 1970, recebeu o laudo médico que o impediria de continuar jogando. O programa mostrou ainda uma entrevista com o cirurgião plástico Ivo Pitanguy e um número de circo do programa americano *Disney on Parade*, em que um homem fazia acrobacias em um trapézio preso a um avião. Em Nova York, a repórter Cidinha Campos entrevistou Sérgio Mendes, um dos músicos brasileiros mais bem-sucedidos no exterior, e apresentou uma matéria sobre o congelamento de doentes terminais com o objetivo de preservá-los até que fossem descobertas as curas para as suas doenças. Ao longo do programa, o apresentador Sérgio Chapelin informava sobre o noticiário da semana. O humorista Chico Anysio, por sua vez, apresentava um monólogo cômico em quatro partes.

- A edição foi encerrada com um texto especial, escrito por José Itamar de Freitas e lido por Cid Moreira, que falava sobre “o fantástico show da vida”. Era o que a redação apelidou de “boa-noite” e que seria o fecho do *Fantástico* por vários anos. No início, o texto era lido apenas por Cid Moreira. Depois, Sérgio Chapelin, Berto Filho, Celso Freitas e atores do elenco da TV Globo se revezavam na tarefa.

- Entre 1973 e 1977, sob a supervisão geral de Augusto César Vanucci, João Lorêdo, Manoel Carlos e Maurício Sherman dirigiram o *Fantástico*. Manoel Carlos define o programa daquele período como sendo fruto do trabalho em equipe e do espírito de aperfeiçoamento e competitividade entre os profissionais. Segundo ele, a rotina de produção era a seguinte: às segundas-feiras, todos se reuniam com Boni para fazer uma avaliação do que havia ido ao ar na semana anterior e traçar os planos para o próximo programa.

- Durante a semana, Manoel Carlos percorria os departamentos de jornalismo, dramaturgia e da linha de shows para supervisionar as pautas e os projetos. O programa era editado na noite de sábado – Paulo Ubiratan e Roberto Talma estavam entre os editores na época –, e no domingo o próprio Manoel Carlos escrevia o roteiro e o texto que costurava todas as atrações. Na época, esse texto era narrado em off pelo ator José Wilker.

### 3.2 Descrição resumida de cada caso analisado<sup>3</sup>

#### Programa do dia 13/09/2009

>**Caso 1:** Fábio Assunção: “Dependência química me afastou das novelas”

Dez meses depois de ficar longe das novelas, ator fala com franqueza e coragem sobre problema com drogas.

**Frases:** \* [...] Eu falei, "bom, agora que todo mundo sabe, eu vou assumir isso então", eu tirei um peso das costas.

\* Eu espero que o que eu estou construindo nesse momento seja bom pra quem tá precisando. Às vezes tem umas pessoas na rua, umas pessoas mais velhas, que vêm me dar um puxão de orelha, entendeu? É serio, eu levo umas broncas, tem umas

---

<sup>3</sup> <http://fantastico.globo.com/Jornalismo> Dia 25/05/2010

senhoras que vêm me dar bronca. “Menino, você volta direito”. É uma coisa sempre positiva, divertida. Natural, natural os puxões de orelha que eu levei valeram também. Foi muito bom, está sendo muito bom.

\* [...]Não quero ser representante de nada. Assim, se o que eu tô fazendo agora é um incentivo pra pessoas que estão vivendo isso, eu acho genial essa oportunidade.

### **Programa do dia 27/09/2009**

#### **>Caso 2: Ronaldo enfrenta investigação de paternidade**

Michelle Umezu alega que seu filho de quatro anos é fruto de um encontro com Ronaldo no Japão, onde ela trabalhava como garçoneiro.

**Frases:** \* O documento informa que Ronaldo tem 15 dias para se manifestar num processo de investigação de paternidade. Depois que a foto foi publicada, o caso ganhou repercussão.

\* Casos de investigação de paternidade envolvendo celebridades são comuns. Mas, em muitos, o DNA dá negativo. Foi o que aconteceu com a modelo Marcela Prado, que afirmava ter uma filha do piloto Ayrton Senna. E com uma mulher que dizia ter um filho do cantor Xororó.

### **Programa do dia 24/01/2010<sup>4</sup>**

#### **>Caso 3: "Foi pesadíssimo", diz Hebe Camargo sobre pré-operatório**

A apresentadora conversou abertamente com Renata Ceribelli sobre a luta contra o câncer e disse que ficou emocionada com o carinho dos fãs e amigos.

**Frases:** \* A verdade, como o Brasil já sabe, é que Hebe está com câncer.

\* Na sala, flores e imagens religiosas que os fãs não param de mandar. Há até a Nossa Senhora de Fátima Peregrina, uma imagem que viaja o mundo e agora está na casa de Hebe.

\* Renata: Você tem essa imagem de uma mulher poderosa e, ao mesmo tempo, tem uma imagem de uma mulher muito simples, que fala com todo tipo de pessoa.

---

<sup>4</sup> <http://fantastico.globo.com/Jornalismo> Dia 25/05/2010

Hebe: Porque eu sou, eu sou caipirinha de Taubaté.

Renata: Como é que você consegue isso?

Hebe: Não existe motivo nenhum para você mudar a sua personalidade, porque você tem uma situação melhor ou não. Eu fico com pena de quem muda, eu fico com pena de quem se sente estrela.

### **Programa do dia 31/01/2010**

>**Caso 4:** Aos 50 anos, metade dos brasileiros são hipertensos

A hipertensão atinge um em cada três brasileiros. E o doutor Drauzio Varella vai explicar agora como a gente pode evitá-la.

**Frases:** \*Esta semana, o presidente Lula teve uma crise de hipertensão e foi parar no hospital. Ontem, ele passou por uma bateria de exames, voltou à Brasília e está bem. A hipertensão atinge um em cada três brasileiros. E o doutor Drauzio Varella explica como a gente pode evitá-la.

\* Pressão alta é um inimigo silencioso. Quando chega a dar sintomas, é porque a situação já está muito grave. Aos 50 anos, metade dos brasileiros são hipertensos.

### **3.3 Incidência de *fait divers* nas matérias analisadas**

A partir do conteúdo dos programas analisados do programa Fantástico da Rede Globo, foi possível identificar quatro categorias de análise: *critérios de noticiabilidade (1)*; *utilização de imagem de pessoas públicas (2)*; *presença de características do fait divers (3)* e *emotividade (4)*

(1) *Critérios de noticiabilidade:* as quatro matérias analisadas foram produzidas com base em acontecimentos cotidianos, porém na vida de pessoas públicas. Com esse princípio foi possível esclarecer questões polêmicas aproximando a realidade dessas pessoas públicas a realidade da sociedade.

“Eu acho que o problema maior era respeitar meus compromissos e horários. Chegou uma hora que eu fiquei perdido, eu não sabia mais se era terça-feira, se era quinta-feira, se era sábado. Eu tinha medo de marcar um jantar”. (Entrevista Fábio Assunção 13/09/2009)

“Uma ação como essa pretende que o pai assuma suas responsabilidades como pai, ou seja, o pai tem obrigação de educar, de sustentar, de cuidar do seu filho”, explica o advogado de Michelle. (Caso Ronaldo 24/09/2009)

“A Hebe tem um tipo de tumor relativamente raro, que é um tumor primário do peritônio”, explica o oncologista Sérgio Simon. O peritônio é a membrana que reveste o abdômen e todos os órgãos que ficam nessa parte do corpo. É uma mucosa transparente, parecida com aquela da parte interna da boca”. (Entrevista da apresentadora Hebe Camargo 24/01/2010)

“A hipertensão está ligada ao sistema cardiovascular, coração e o sistema circulatório, as artérias e as veias. O que é mais comum é um problema nas artérias, que elas vão ficando mais rígidas e não relaxam como deveriam. O coração bomba o sangue para essas artérias mais rígidas, menos elásticas e a pressão arterial sobe”, explica o médico Paulo Ayrosa, nefrologista”. (Hipertensão Lula 31/01/2010)

Nestas entrevistas nota-se claramente a presença ostensiva da informação pela informação e a recorrente exposição de fatos do cotidiano de pessoas públicas, ou seja, como vimos nos capítulos anteriores, tais personalidades têm suas vidas usadas como exemplos para muitos anônimos. Essa utilização de um acontecimento da vida de uma pessoa pública como meio de informação para a sociedade é uma forma de *fait divers*, que é caracterizado por fatos de interesse público, fatos que prendam a atenção dos telespectadores.

(2) *Utilização da imagem de pessoas públicas*: em todos os casos analisados a presença de uma pessoa famosa foi essencial para o desenvolvimento da matéria. A aproximação do cotidiano das celebridades com a sociedade foi o principal fato analisado.

“Eu me tornei dependente químico. E isso foi uma coisa que.. É muito difícil você administrar dependência química com qualquer coisa que você faça na vida”. (Entrevista Fábio Assunção 13/09/2009)

“Quinta- feira da semana passada, final do treino do Corinthians: o atacante Ronaldo é fotografado recebendo um papel de um oficial de

Justiça. O documento informa que Ronaldo tem 15 dias para se manifestar num processo de investigação de paternidade. Depois que a foto foi publicada, o caso ganhou repercussão”. (Caso Ronaldo 24/09/2009)

“O tratamento é a quimioterapia. Para Hebe, serão entre seis e oito sessões, com intervalos de três semanas. A primeira já aconteceu. “Ela não teve náusea e se alimentou durante a quimioterapia e depois. Passou muito bem, tanto que pôde ter alta logo em seguida”, conta o oncologista”. (Entrevista da apresentadora Hebe Camargo 24/01/2010)

“Esta semana, o presidente Lula teve uma crise de hipertensão e foi parar no hospital [...] Pressão alta é um inimigo silencioso. Quando chega a dar sintomas, é porque a situação já está muito grave. Aos 50 anos, metade dos brasileiros são hipertensos”. (Hipertensão Lula 31/01/2010)

Observa-se o teor emocional da notícia aproveitando-se de acontecimentos da vida de pessoas públicas.

(3) *Presença das características do fait divers*: nesses casos analisados o que principalmente caracteriza o *fait divers* é a passagem da realidade de celebridades à realidade do público que o assiste, o espanto com certos acontecimentos e o envolvimento com eles. Essa interação entre mídia e sociedade é um ponto chave de compreensão do efeito *fait divers*. Em três das matérias analisadas observou-se a incidência desse fenômeno.

“Eu espero que o que eu estou construindo nesse momento seja bom pra quem tá precisando. Às vezes tem umas pessoas na rua, umas pessoas mais velhas, que vêm me dar um puxão de orelha, entendeu? É serio, eu levo umas broncas, tem umas senhoras que vêm me dar bronca. “Menino, você volta direito”. É uma coisa sempre positiva, divertida. Natural, natural os puxões de orelha que eu levei valeram também. Foi muito bom, está sendo muito bom. [...] não quero ser representante de nada. Assim, se o que eu tô fazendo agora é um incentivo pra pessoas que estão vivendo isso, eu acho genial essa oportunidade”. (Entrevista Fábio Assunção 13/09/2009)

“Casos de investigação de paternidade envolvendo celebridades são comuns. Mas, em muitos, o DNA dá negativo. Foi o que aconteceu com a modelo Marcela Prado, que afirmava ter uma filha do piloto Ayrton Senna. E com uma mulher que dizia ter um filho do cantor Xororó. A ex-modelo Cristina Mortagua travou uma batalha judicial de dois anos, até o jogador Edmundo reconhecer a paternidade de Alexandre, hoje com 14 anos”. (Caso Ronaldo 24/09/2009)

Eu quero mostrar para as pessoas que eu estou aqui, que eu venci a batalha. Você também pode se você estiver na mesma situação. Não desista! Se você tiver um problema desse tipo, ou outro, um pouco maior ou menor, não se entregue, essa é a melhor receita, pode ter certeza. (Entrevista da apresentadora Hebe Camargo 24/01/2010)

(4) *Emotividade*: O quatro casos analisados se tratam de assuntos em que a emotividade dos personagens é predominante. Em dois deles, a emoção é passada através de pequenos gestos ou pequenas falhas na voz, o que demonstra o sentimento do momento.

Olha, eu me afastei porque... Eu acho bom falar sobre isso. Eu nunca falei sobre isso. Não porque eu tenha nada pra esconder, mas é que isso foi uma coisa tão íntima. Eu me tornei dependente químico. E isso foi uma coisa que.. É muito difícil você administrar dependência química com qualquer coisa que você faça na vida. (Momento inicial da entrevista em que Fábio Assunção gagueja) (Entrevista Fábio Assunção 13/09/2009)

**Renata:** Que momento foi mais difícil, Hebe?  
**Hebe:** Não sei (emocionada)... Eu acho que o mais difícil foi sair (do hospital) e ver aquela coisa tão linda. Foi difícil no sentido de emoção, foi uma coisa! Eu dizia: 'Eu vou chorar!' Todo mundo sorrindo, feliz de eu estar saindo do hospital. A Globo estava na porta do hospital! Eu falei: 'Gente, a Globo está aqui?!' (gargalhadas) Aí eu me senti.(gargalhadas). Isso não tem preço. Estou me sentindo! Já te falei que o elenco da Globo me ligou? Sabe lá o que é receber telefonema do Tony Ramos? E de Lima Duarte, Ney Matogrosso, Rosa Maria Murtinho, Mauro Mendonça... (risos) (Entrevista da apresentadora Hebe Camargo 24/01/2010)

Tanto o levantamento bibliográfico como a análise do programa mostra a presença do *fait divers* na realidade da mídia e da sociedade. Essa forma de fazer jornalismo usando pessoas públicas tem sido uma maneira freqüente de prender a atenção dos telespectadores. A vida alheia chama a atenção de todos e ao focar determinado acontecimento com alguma celebridade torna o assunto mais interessante aos olhos de quem vê, pois aproxima-o da sua realidade. Desta forma assuntos particulares passam a pautar as grandes mídias. Os políticos, personalidades, ou pessoas que estão ou querem estar na mídia em geral, são mitificados e qualquer coisa que saia da normalidade nas vidas desses olímpicos, como caracterizado por Edgar Morin (1997), é usada como gerador de informação de interesse público. A mídia

televisiva, através da imagem, tem o poder de mitificar essas pessoas e é a essa mesma mídia que cabe o papel de mudar a prática do personalismo exacerbado.

Entretanto, os acontecimentos que envolvem pessoas públicas podem ser considerados notícias relevantes quando obedecem aos valores de noticiabilidade e traduzem grandes temas da opinião pública. É evidente que essas pessoas sempre estarão na mídia, sempre terão visibilidade, mas o que se deve discutir é a qualidade do conteúdo noticiado, ou seja, as razões para se manter noticiável.

#### 4. Considerações Finais

A observação do programa Fantástico permitiu a identificação de inúmeros elementos relacionados ao jornalismo exercido como espetáculo e ao *fait divers* nele contido. Ficou claro que o programa explora a imagem de pessoas públicas de várias maneiras, usando o recurso como matéria-prima de suas reportagens.

Percebeu-se que os critérios de noticiabilidade utilizados pelo programa são características de um programa que tem como objetivo promover maior interação entre o jornalismo e a sociedade, daí utilizarem fatos acontecidos com pessoas públicas para demonstrar e explicar um assunto que, provavelmente, não teria tanta repercussão e talvez nem fosse pauta do jornal. Luiz Gonzaga Motta (in PORTO 2002) afirma que os *fait divers* são notícias sobre acontecimentos que podem ter ou não atributos de noticiabilidade, mas que são selecionadas não por estes aspectos e sim pelo interesse público que despertam, pela carga emocional ou de humor, ou ainda pelo aspecto hilariante. Estas histórias entretêm o leitor, narrando um enredo, uma estória humana ou humanizada.

Barthes (1999) disse: “poder-se-ia dizer que a causalidade do *fait divers* é constantemente submetida à tentação da coincidência, e que, inversamente, a coincidência é constantemente fascinada pela ordem da causalidade.” No calor dos discursos, pode-se dizer, dá-se a mediação que leva conhecimento ao espectador.

Com base na análise das matérias e as discussões arroladas à luz dos autores ao longo do trabalho, concluiu-se que todos os aspectos apontados aqui são mostras de como o Fantástico conduz a linguagem jornalística baseando-se nos princípios do *fait divers* e no interesse de dar à informação a forma mais adequada de entendimento e assim atender a seu público. Finalmente, então, pode-se dizer que este programa apresenta em sua estrutura uma preocupação com a interação midiática, cujos atores são a televisão e a sociedade.

Como sugestão para futuros pesquisadores do assunto, sugiro um maior aprofundamento sobre as diferenças entre interesse público e interesse do público e a diferenciação entre *fait divers* e sensacionalismo, assuntos com teorias muito parecidas e que causam certa confusão a leigos no assunto.

## 5. Referências Bibliográficas

- BAUDRILLARD, Jean. A sombra das maiorias silenciosas. Sao Paulo. Brasiliense, 1994, 4.ed. 86 p.
- BARTHES, Roland. Crítica e verdade. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999. 231 p.
- DEBORD, Guy. A sociedade do espetáculo. Contraponto. Rio de Janeiro, 1997
- GAIARSA, José Ângelo. Tratado Geral sobre a fofoca- Uma desconfiança humana. Summus, São Paulo, 1978
- LAGO, Claudia [org.] BENETTI, Márcia [org.]. Metodologia de pesquisa em jornalismo. Petrópolis : Vozes , 2008 , 2.ed. coleção Fazer jornalismo. 286 p.
- MORIN, Edgar. Cultura de massas no século XX. Volume 1- Neurose. Forense Universitária. Rio de Janeiro, 1997
- PONTE, Cristina. Para entender as notícias- Linhas de análise do discurso jornalístico. Florianópolis: Insular, 2005. 248 p.
- PORTO, D. Sérgio (org.). O jornal: da forma ao sentido. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. 588 p. – (Coleção Comunicação, 2)
- REZENDE, Guilherme Jorge de. Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial. São Paulo. Summus, 2000
- SILVA, Juremir Machado. A miséria do jornalismo brasileiro: as [in]certezas da mídia Petrópolis : Vozes , 2000 , 2.ed. 155 p.
- THOMPSON, Jonh B. Ideologia e cultura moderna, Vozes. Petrópolis, 1995
- TRAQUINA, Nelson. Teorias do jornalismo: porque as noticias sao como são. Florianopolis : Insular , 2005 , 2.ed. 223 p.
- WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Presença. Lisboa, 1999
- WOLTON, Dominique. Elogio do grande público- Uma teoria crítica da televisão. Ática. São Paulo, 1996

## SITES

[http://fantastico.globo.com/Jornalismo\\_Dia\\_25/05/2010](http://fantastico.globo.com/Jornalismo_Dia_25/05/2010)

<http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-247251,00.html> Dia 25/05/2010

## 6. Anexos

### Fábio Assunção: "Dependência química me afastou das novelas"

Dez meses depois de ficar longe das novelas, ator fala com franqueza e coragem sobre problema com drogas.

Você vai ver agora uma entrevista corajosa, reveladora e exclusiva. Patrícia Poeta conversou em São Paulo com o ator Fábio Assunção. Dez meses depois de se afastar das novelas, ele falou pela primeira vez sobre o que aconteceu. Sem rodeios, abertamente.

A entrevista aconteceu no sábado, 12 de setembro, em São Paulo, às 10h da manhã. Fábio Assunção está ansioso. A partir desta segunda começa a gravar as primeiras cenas da microssérie "Dalva e Herivelto", sobre a vida, os escândalos e o amor de dois grandes astros da era do rádio, Dalva de Oliveira e Herivelto Martins. E já é por causa de Herivelto que Fábio está de bigode.

"Eu estou me reencontrando com a música através do Herivelto Martins, eu estou me preparando, fazendo aulas de canto e violão", conta o ator.

O papel marca a volta de um dos atores mais queridos e talentosos da TV brasileira. Em 18 anos de profissão, foram 12 novelas, oito filmes e várias minisséries de sucesso.

Em novembro do ano passado, Fábio deixou a novela "Negócio da China", na qual era protagonista, alegando problemas de saúde. Hoje, depois de dez meses de afastamento, o ator de 38 anos se considera pronto para falar de peito aberto sobre o que aconteceu.

**Patrícia Poeta - O que aconteceu, Fábio? Por que você se afastou?**

Fábio Assunção - Olha, eu me afastei porque... Eu acho bom falar sobre isso. Eu nunca falei sobre isso. Não porque eu tenha nada pra esconder, mas é que isso foi uma coisa tão íntima. Eu me tornei dependente químico. E isso foi uma coisa que.. É muito difícil você administrar dependência química com qualquer coisa que você faça na vida.

**Pra gente entender melhor: há quanto tempo você vinha enfrentando o problema?**

Já há alguns anos. Mas eu acho que nos últimos três ou quatro anos foi que a coisa começou a ficar mais difícil, mais complicada.

**Você tinha dificuldade de trabalhar?**

Eu acho que o problema maior era respeitar meus compromissos e horários. Chegou uma hora que eu fiquei perdido, eu não sabia mais se era terça-feira, se era quinta-feira, se era sábado. Eu tinha medo de marcar um jantar. Sei lá, se eu tinha uma gravação de manhã, eu falava "De manhã, será que vai acontecer? Será que...". Porque esse processo de droga é uma coisa... É muito duro você dizer que não vai fazer mais uma coisa e você fazer. "Chega, agora não faço mais! Agora acabou" e dois dias depois você está fazendo de novo!

**Quantas vezes você tinha tentado começar um tratamento, ou fez um tratamento e acabou não funcionando?**

Eu tinha feito, quando acabou o "Paraíso Tropical", eu fui pra fora do Brasil, pra uma clinica que tem fora do Brasil. Fui uma vez.

**Em Miami?**

Não, no Arizona. Perto de Phoenix. E fiquei lá 40 dias, aí voltei, as coisas não deram certo. Aí eu voltei pra lá de novo, pra mesma clinica, e fiquei dois meses.

**Melhorou?**

Melhorou. Mas eu voltei, aí fiquei um tempo bem, e depois as coisas começaram a não ir bem de novo.

*"Está preso na Policia federal, em São Paulo, um homem detido ontem num flat quando oferecia cocaína para o ator Fábio Assunção", noticiou o Jornal Nacional em 25 de janeiro de 2008.*

*Logo depois do incidente, Fábio desistiu de ser Dodi na novela "A Favorita" e o papel foi para Murilo Benício. Meses depois, aceitou ser Heitor em "Negócio da China".*

Eu fiquei a fim de fazer a novela. Mas aí eu tomei a minha rasteira total. A coisa veio forte, e veio de um jeito que foi muito difícil pra mim. E me pegou mesmo e aí eu dancei.

**E demorou pra você aceitar que, sim, você tinha um vicio, que você precisava se cuidar, parar pra se cuidar?**

Demorou, demorou. E, aliás, eu acho que isso é o primeiro passo pra lutar contra isso, é você assumir que você tem um problema e pedir ajuda.

**Você sentia medo do que as pessoas pudessem achar?**

Pô, totalmente. Sentia medo de se julgado, de ser criticado, de até ser visto como uma referência negativa. Eu acho que esses medos todos fazem com que você só aumente o seu problema. Eu acho que ano passado o que aconteceu, de certa forma, foi maravilhoso, porque quando eu tive a minha doença exposta eu pude ficar livre. Eu falei, "bom, agora que todo mundo sabe, eu vou assumir isso então", eu tirei um peso das costas.

**Aí você decidiu virar a página. "Agora vou fazer um tratamento mesmo pra valer, vou parar", e como é que foi esse tratamento?**

Olha, esse tipo de tratamento é como se você atravessasse um deserto. Um momento de solidão, é difícil. Mas nada é mais difícil que viver com droga, então qualquer tratamento é mais fácil do que a vida que você tava tendo.

**Quanto tempo você ficou lá?**

Cinco meses. Eu fiquei quatro meses numa clínica muito fechada, e depois eu terminei meu tratamento no último mês, final, numa outra clínica onde eu podia receber visita. Eu tenho um filho, João, de 6 anos, que é um encanto na minha vida, entendeu? Que é uma pessoa que eu não fingi pra ele que nada tava acontecendo. Ele via que eu não tava bem. Aí eu disse pra ele que eu tava indo pra uma clínica pra aprender a dormir, a acordar e a comer na hora certa. E ele entendeu.

**Eu acho que a pergunta que todo mundo se fez é por que o Fábio Assunção, esse cara bonito, bem sucedido, famoso, querido por tantas pessoas acabou sendo atraído por drogas? Você tem essa resposta?**

Tenho, eu acho que o espírito da gente, ele não tá muito interessado se você tem tudo, ou se você não tem tudo, se você faz sucesso. Eu fui, sei lá, eu fui brincar com uma coisa que eu não tinha dimensão de o quanto perigosa ela é. Porque eu acho que a gente tem um lado às vezes que é autodestrutivo, entendeu? Eu me coloquei em risco várias vezes, risco de saúde, risco de vida, risco de ter problemas legais. Eu me sinto abençoado porque, quando eu estive na clínica, conheci pessoas que tem sequelas, pessoas que acabaram se envolvendo em acidentes, coisas que não se pode mais reverter. Então eu acho que passei por essa tempestade e me sinto muito bem, me sinto feliz...

**Nesse período de tratamento, como ficaram os relacionamentos? Os amigos se afastaram de você ou ficaram do seu lado? O que aconteceu?**

Eu tive alguns amigos que foram embora. Mas eu não tenho nenhum ressentimento em relação a isso. Esse momento só me ensinou o verdadeiro significado da amizade.

**E quem deu mais força pra você nesse desafio de largar o vício?**

Bom, a Karina, totalmente.

**Sua namorada, né?**

É. Não tem nem o que dizer assim, não arredou o pé um minuto.

**Karina que inclusive está acompanhando a entrevista hoje aqui, né?**

Meus pais, meus pais nessa época da clinica se aproximaram muito de mim.

**Você hoje se sente completamente curado?**

Não! De jeito nenhum, de jeito nenhum e não quero me sentir. Porque eu acho que esse lado, esse lado da doença eu não posso fingir que isso não existe, esse diabinho, eu não posso achar que ele não existe, eu tenho que ter o respeito por ele. Mas assim eu estou encantado de como a recuperação é uma coisa genial. Eu hoje poder marcar os meus compromissos e eu estar lá, isso me da uma sensação de vitória. Pô, eu tô conseguindo!

**Em algum momento pintou alguma tentação? De querer voltar atrás?**

Não é querer voltar atrás, isso jamais. Eu peguei um caminho agora que não tem volta pra mim, entendeu? Eu não vou dar mais brecha pra que minha vida volte a ser aquele inferno que era antes.

**O que significa pra você estar voltando pra TV esta semana?**

Significa prazer! Prazer de estar voltando a trabalhar. Mesmo com tudo isso que aconteceu, eu tô voltando muito positivo, trabalhando com pessoas que confiam em mim.

**Agora pra gente encerrar, eu vou pedir pra você mandar uma mensagem pros telespectadores, que acompanharam a sua história, que torceram por você, que torceram pela sua recuperação.**

Eu espero que o que eu estou construindo nesse momento seja bom pra quem tá precisando. Às vezes tem umas pessoas na rua, umas pessoas mais velhas, que vêm me dar um puxão de orelha, entendeu? É serio, eu levo umas broncas, tem umas senhoras que vêm me dar bronca. “Menino, você volta direito”. É uma coisa sempre positiva, divertida. Natural, natural os puxões de orelha que eu levei valeram também. Foi muito bom, está sendo muito bom.

**Obrigada pela confiança de falar comigo sobre um assunto tão pessoal, mas que ao mesmo tempo é enfrentado por tantos brasileiros, obrigada também pela franqueza, pela coragem de falar sobre esse assunto. E pode ter certeza que, nós do Fantástico e o pessoal de casa, todos nós vamos estar torcendo por você mais ainda.**

Maravilha, Patrícia. Obrigada você pela oportunidade. Eu nunca tinha falado sobre o assunto. E isso também não é uma coisa que eu pretendo continuar falando, porque eu também não quero ser representante de nada. Assim, se o que eu tô fazendo agora é um incentivo pra pessoas que estão vivendo isso, eu acho genial essa oportunidade.

## Ronaldo enfrenta investigação de paternidade

Michelle Umezu alega que seu filho de quatro anos é fruto de um encontro com Ronaldo no Japão, onde ela trabalhava como garçonete.

Quinta-feira da semana passada, final do treino do Corinthians: o atacante Ronaldo é fotografado recebendo um papel de um oficial de Justiça.

O documento informa que Ronaldo tem 15 dias para se manifestar num processo de investigação de paternidade. Depois que a foto foi publicada, o caso ganhou repercussão.

Michelle Umezu, hoje com 27 anos, alega que seu filho de quatro anos é fruto de um encontro com Ronaldo no Japão, onde ela trabalhava como garçonete. Ela não quis gravar entrevista, alegando que a ação está sob sigilo de Justiça. Mas permitiu que uma amiga, que não quer mostrar o rosto, contasse ao Fantástico sua versão da história.

Helena era a melhor amiga da Michelle na época da gravidez, no Japão. Elas chegaram inclusive a morar juntas.

**Como é que foi o envolvimento da Michelle com o Ronaldo?**  
Eles se conheceram em 2002, durante o período da Copa e foi numa festa que teve numa boate.

Nessa ocasião, segundo as amigas, Michelle e Ronaldo só conversaram. Mas um segundo encontro teria acontecido em 2004, numa festa dos jogadores do Real Madrid, também no Japão. E então...

**Ela ficou uma vez só com o Ronaldo?**  
Uma vez só. Essa foi a única vez. Eles ficaram lá na disco.

**Na própria boate?**  
Lá na disco.

Em abril de 2005, Michelle deu à luz um menino. Na época, ela namorava um americano, que registrou a criança. Mas quando o bebê tinha seis meses, teria começado a desconfiança.

**Quando começou a desconfiança?**  
Quando o cabelo dele começou a enrolar com seis meses. Quando ele completou uns 6 ou 7 meses, eles resolveram fazer o teste de DNA, porque já estava evidente.

**Então foi feito o DNA e comprovou-se que o namorado dela não era o pai?**  
Fizeram duas vezes em duas clínicas diferentes.

**E como é que é o menino fisicamente?**  
Lembra muito o Ronaldo, o primeiro filho dele, cabelos bem cacheados, os lábios, o narizinho.

A amiga alega que, por e-mail, Ronaldo teria negado a Michelle a possibilidade de ser o pai, por ter,

supostamente, feito vasectomia. Michelle decidiu recorrer à Justiça brasileira.

“Uma ação como essa pretende que o pai assuma suas responsabilidades como pai, ou seja, o pai tem obrigação de educar, de sustentar, de cuidar do seu filho”, explica o advogado de Michelle.

Em nota ao Fantástico, o advogado de Ronaldo diz que o jogador não se lembra de ter conhecido Michele, e não reconhece o menino como filho.

“Nessas ações de investigação de paternidade é preciso tomar cuidado para não apontar simplesmente alguém como suposto pai. É preciso que o juiz se convença de que existe fortíssimo indício daquele apontado pai ter realmente se relacionado com a mãe para determinar o exame científico”, observa o advogado de Ronaldo.

Casos de investigação de paternidade envolvendo celebridades são comuns. Mas, em muitos, o DNA dá negativo. Foi o que aconteceu com a modelo Marcela Prado, que afirmava ter uma filha do piloto Ayrton Senna. E com uma mulher que dizia ter um filho do cantor Xororó.

A ex-modelo Cristina Mortagua travou uma batalha judicial de dois anos, até o jogador Edmundo reconhecer a paternidade de Alexandre, hoje com 14 anos.

“Se eu tivesse alguma dúvida, eu jamais teria feito, teria pedido o exame de DNA, porque é muito vergonhoso”, disse na época.

Já o cantor Roberto Carlos aceitou fazer o teste assim que soube que Rafael pensava ser seu filho. Em seis meses, veio a confirmação.

“O que eu fiz, eu faria se ele fosse feirante, se ele fosse advogado, médico, gari, não importa. Eu acho que você tem que correr atrás daquilo que você é, daquilo que é sua origem, de onde você veio. Ninguém pode viver pela metade, ninguém”, argumenta Rafael.

No caso de Ronaldo, a nota do advogado diz que, até o final desta semana, o atleta vai esclarecer o que for necessário à Justiça. Só depois de examinar essas alegações, é que o juiz vai decidir se pede ou não o exame de DNA.

## "Foi pesadíssimo", diz Hebe Camargo sobre pré-operatório

A apresentadora conversou abertamente com Renata Ceribelli sobre a luta contra o câncer e disse que ficou emocionada com o carinho dos fãs e amigos.

Hebe Camargo nos recebeu em sua casa, em São Paulo, onde está desde quarta-feira (20), quando teve alta do hospital.

**Hebe Camargo:** O pré-operatório é uma coisa pesadíssima. Muito medicamento, cada medicamento que eu nem te falo. Eu só ia em hospital para fazer plástica! Ou no peito ou na cara.

Brincahona como de costume, Hebe não perde a piada, mesmo sabendo que a doença é coisa séria.

**Renata Ceribelli:** Hebe, quando você soube que ia passar por uma cirurgia, você se assustou?

**Hebe Camargo:** Você sabe, que coisa engraçada, eu não me assustei, porque eu sabia que eu estava em boas mãos, porque ninguém ia mentir. Eu falei: 'Eu não quero que minta para mim. Eu não quero que chegue e diga: 'não, você não tem nada, isso aqui é uma coisinha passageira.' Não! Fala a verdade'.

A verdade, como o Brasil já sabe, é que Hebe está com câncer.

"A Hebe tem um tipo de tumor relativamente raro, que é um tumor primário do peritônio", explica o oncologista Sérgio Simon.

O peritônio é a membrana que reveste o abdômen e todos os órgãos que ficam nessa parte do corpo. É uma mucosa transparente, parecida com aquela da parte interna da boca.

"Ele é um tumor que, evidentemente, já aparece disseminado no abdômen. Ele não é um tumor localizado, e isso já o torna um pouco mais grave, mas ele é um tumor muito sensível ao tratamento. Mais ou menos 60% dos pacientes terminam o tratamento sem evidência de doença", explica o médico.

O tratamento é a quimioterapia. Para Hebe, serão entre seis e oito sessões, com intervalos de três semanas. A primeira já aconteceu. "Ela não teve náusea e se alimentou durante a quimioterapia e depois. Passou muito bem, tanto que pôde ter alta logo em seguida", conta o oncologista.

Estar em casa tem feito bem para a recuperação da Hebe.

**Hebe Camargo:** Eu sento para almoçar sozinha e fico olhando as flores, as palmeiras, os pássaros voando...

**Renata:** Você conversa todos os dias com os pássaros?  
**Hebe:** Converso, adoro.

**Renata:** Quantas horas do seu dia você passa com seus pássaros, Hebe?  
**Hebe:** Quando eu estou em casa, venho sempre. De manhã, venho sempre.

Na sala, flores e imagens religiosas que os fãs não param de mandar. Há até a Nossa Senhora de Fátima Peregrina, uma imagem que viaja o mundo e agora está na casa de Hebe.

**Hebe Camargo:** Ela vai ficar uns dias, depois vai embora. E ela vai passando sempre pelos lugares das pessoas que precisam. Tem a Nossa Senhora da Aparecida, duas delas são as que viajam comigo.

**Renata:** Em nenhum momento, você pensou que pudesse dar errado, em nenhum momento você pensou em morte?

**Hebe:** Não. Eu falava: 'Deus, dá uma ajudinha. Dá uma ajudinha, pensa em mim'. Eu falava: 'Pensa em mim, chore por mim! Liga pra mim!' (risos). Foi a primeira vez que eu pedi. Mas nem precisava pedir, porque o Brasil pediu. Eu não tinha noção do que o Brasil gostava de mim.

**Renata:** Hebe, quantos anos de televisão?  
**Hebe:** Quantos anos tem a televisão? (risos)

Hebe não está de brincadeira – em um vídeo, ela aparece, morena, ao lado de Ivon Curi, no primeiro musical exibido pela TV, em 1950. Hebe, com 80 anos, está há 60 na televisão.

**Renata:** Você tem essa imagem de uma mulher poderosa e, ao mesmo tempo, tem uma imagem de uma mulher muito simples, que fala com todo tipo de pessoa.

**Hebe:** Porque eu sou, eu sou caipirinha de Taubaté.

**Renata:** Como é que você consegue isso?

**Hebe:** Não existe motivo nenhum para você mudar a sua personalidade, porque você tem uma situação melhor ou não. Eu fico com pena de quem muda, eu fico com pena de quem se sente estrela.

**Renata:** Que momento foi mais difícil, Hebe?

**Hebe:** Não sei (emocionada)... Eu acho que o mais difícil foi sair (do hospital) e ver aquela coisa tão linda. Foi difícil no sentido de emoção, foi uma coisa! Eu dizia: 'Eu vou chorar!' Todo mundo sorrindo, feliz de eu estar saindo do hospital. A Globo estava na porta do hospital! Eu falei: 'Gente, a Globo está aqui?!' (gargalhadas) Aí eu me senti.(gargalhadas). Isso não tem preço. Estou me sentindo! Já te falei que o elenco da Globo me ligou? Sabe lá o que é receber telefonema do Tony Ramos? E de Lima Duarte, Ney Matogrosso, Rosa Maria Murtinho, Mauro Mendonça... (risos)

**Renata:** Qual foi a primeira pessoa que te ligou?

**Hebe:** Ih, agora você me cria uma saia justa, porque tanta gente ligou, meu Deus, tanta gente.

**Renata:** Roberto Carlos te ligou...

**Hebe:** Ih, quase voltei pra UTI! (gargalhadas) Ele disse: 'Oi, Hebe, você precisa ficar bem, nós precisamos de você' Uma graça! Ele é uma paixão nacional, né?

**Renata:** E ele preocupado com você...

**Hebe:** Preocupadíssimo, ligou várias vezes, uma graça. Até vou mandar um presente, uma vela que tem a fotinho dele.

**Renata:** Hebe, me contaram que a sua vaidade continuou em todos os momentos do hospital, toda hora você estava pedindo um batom pra passar...

**Hebe:** Eu já levei um batonzinho, porque eu não fico sem batom, adoro batom. Como eu não podia receber visita, tinha dia que eu não fazia cabelo. Mas a minha cabeleireira ia lá no outro dia, fazia meu cabelinho. Botei batonzinho, botei um cílio postiço para eu me sentir bem e olhar no espelho e dizer: 'Não estou tão ruim assim'. Porque senão a gente começa a se sentir com cem anos. Quero chegar com cem, mas bonitinha (gargalhadas).

Apesar de muito vaidosa, Hebe diz não estar com medo dos efeitos colaterais da quimioterapia.

**Renata:** Você vai ter todas aquelas consequências de perder cabelo, por exemplo, aquelas coisas chatas?

**Hebe:** Ah, isso com certeza. Com certeza vai ter, mas eu não estou nem pensando. Na hora em que começar a cair, aí é uma outra preocupação. Agora, não. Agora eu tenho que me preocupar em fazer tudo, as injeções na barriga, tirar sanguinho aqui do dedo.

"Ela pode talvez ser submetida a uma cirurgia, porque o acompanhamento desse tumor é difícil através de imagem somente. É um tumor que, por ser muito pequeno, os nódulos, às vezes, não aparecem nos exames. Então, por vezes, a gente tem que fazer uma pequena cirurgia para observar o estado final do abdômen depois do tratamento", explica o oncologista.

**Hebe:** Eu quero mostrar para as pessoas que eu estou aqui, que eu venci a batalha. Você também pode se você estiver na mesma situação. Não desista! Se você tiver um problema desse tipo, ou outro, um pouco maior ou menor, não se entregue, essa é a melhor receita, pode ter certeza.

**Renata:** Hebe Camargo sempre dando alegria. Sucesso no seu tratamento, eu e o Brasil inteiro estamos torcendo por você.

**Hebe:** Se Deus quiser! Muito obrigada, Deus lhe pague.

## Aos 50 anos, metade dos brasileiros são hipertensos

A hipertensão atinge um em cada três brasileiros. E o doutor Drauzio Varella vai explicar agora como a gente pode evitá-la.

Esta semana, o presidente Lula teve uma crise de hipertensão e foi parar no hospital. Ontem, ele passou por uma bateria de exames, voltou à Brasília e está bem. A hipertensão atinge um em cada três brasileiros. E o doutor Drauzio Varella explica como a gente pode evitá-la.

Pressão alta é um inimigo silencioso. Quando chega a dar sintomas, é porque a situação já está muito grave. Aos 50 anos, metade dos brasileiros são hipertensos.

Um encontro rápido com frequentadores do Mercado Municipal de São Paulo já dá uma ideia de como esse mal atinge muita gente.

"Não estou sentindo dor na nuca, não estou sentindo cansaço, não estou sentindo fadiga. Estou bem, fisicamente bem", conta o comerciante Eduardo Baracho.

Esse é o problema da dificuldade que a gente tem para controlar a pressão, porque as pessoas ficam esperando se sentir mal. E pressão alta não dá sintoma. Ela vai dar dor de cabeça, dor na nuca, tontura, aqueles pontos brilhantes, quando ela estoura, quando ela vai a 22, 23, quando você está correndo risco de vida.

A pressão alta é um problema de saúde gravíssimo. Ela é responsável por 40% dos ataques cardíacos, 80% dos acidentes vasculares cerebrais - os derrames - e 25% dos casos de insuficiência renal em estado terminal.

O Dr. Drauzio conversa com o comerciante Artur Antônio de Paiva que sofre de pressão alta, há 10 anos e que toma os remédios regularmente. Mesmo assim, o médico examina a sua pressão que dá 15 por 9, o que indica que a pressão do comerciante está alta.

"Precisa sentar com seu médico e ver direitinho a dose do remédio. Cada um tem uma dose específica. O objetivo do tratamento da pressão é deixar sua pressão 12 por 8", diz Drauzio.

Pressão alta é quando a máxima é igual ou maior do que 14. E a mínima igual ou maior do que 9.

"A hipertensão está ligada ao sistema cardiovascular, coração e o sistema circulatório, as artérias e as veias. O que é mais comum é um problema nas artérias, que elas vão ficando mais rígidas e não relaxam como deveriam. O coração bomba o sangue para essas artérias mais rígidas, menos elásticas e a pressão arterial sobe", explica o médico Paulo Ayrosa, nefrologista.

"A pressão sua está 13 por 8. O senhor vê que essa coisa de idade não quer dizer nada", informa o Dr. Drauzio Varella para o aposentado Antônio Paiva Oliveira, de 84 anos.

"Ando bastante. Não paro. Minha mulher briga comigo porque eu ando demais", o aposentado.

Dráuzio Varella explica que, a cada nove gramas de sal que você ingere, o corpo retém um litro de água que pode sobrecarregar seu coração. Por isso, ele recomenda que se use pouco sal na cozinha, pouco óleo e pouca gordura. Devemos verificar sempre o conteúdo de sal dos alimentos industrializados, mesmo doces, chocolates e refrigerantes podem conter quantidades muito elevadas de sódio.

Pressão alta é doença grave, mas só quando não está sob controle. E controlar não é difícil.

“Primeiro, tem que controlar o sal que come, comer pouco sal. Segundo, fazer exercício, atividade física. Terceiro, perder peso. Vai ao médico e vai tomar o remédio regularmente”, recomenda Drauzio Varella.